

doi.org/10.51891/rease.v9i6.10404

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUA CONTRIBUIÇÃO NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

Jaqueline Saraiva de Souza¹
Laudiélcio Ferreira Maciel da Silva²
Jaqueline Moura da Silva³
Luciana Amaral de Mascena Costa⁴
Dayse Alves Pessoa⁵
Ana Lourdes Cruz Veras⁶
Diógenes José Gusmão Coutinho⁷

RESUMO: Este artigo tem por objetivo propor uma reflexão em torno da contribuição do Coordenador Pedagógico (CP) enquanto agente de formação docente para uma Educação Ambiental Crítica. Buscamos conhecer o perfil desse profissional, suas atribuições e suas concepções em Educação Ambiental (EA). Realizou-se uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica, de cunho sistemático, a partir de buscas em sites e fontes especializadas. Os dados foram analisados de forma qualitativa. O presente trabalho trouxe uma reflexão teórica sobre a questão ambiental, o papel do coordenador e a formação de cidadãos críticos.

1865

Palavras-chave: Coordenação pedagógica. Formação docente. Educação ambiental crítica.

ABSTRACT: This article aims to propose a reflection on the contribution of the Pedagogical Coordinator (PC) as a teacher training agent for Critical Environmental Education. We seek to know the profile of this professional, his attributions and his conceptions in Environmental Education (EA). A systematic bibliographical review was carried out based on searches on websites and specialized sources. Data were analyzed qualitatively. The present work brought a theoretical reflection on the environmental issue, the role of the coordinator and the formation of critical citizens.

Keywords: Pedagogical coordination. Teacher training. Critical environmental education.

¹ Mestranda em Ciências da Educação pela Christian Business School; Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Alpha; e Pedagoga pela UFPE.
² Doutor e Mestre em Educação pela UFPE; Especialista em Educação Ambiental e Pedagogo pela UFPE.
³ Doutora e Mestre em Ciências da Educação pela Christian Business School; e Pedagoga pela UNAR.
⁴ Doutora e Mestre em Biologia Molecular pela UFRPE; e Bióloga pela UFRPE.
⁵ Doutoranda e Mestre em Educação pela UFPE; e Pedagoga pela UFPE.
⁶ Especialista em Transtorno do Aspecto Autista pela Faculdade Alpha; e Pedagoga pela UNICAP /PE.
⁷ Doutor e Mestre em Saúde pela UFPE; Biólogo pela UFRPE e, professor e coordenador dos Cursos de Ciências da Educação e de Saúde Pública da Christian Business School.

INTRODUÇÃO

A educação tanto pode se constituir num instrumento de transformação da sociedade como pode reproduzi-la, a depender do aporte crítico (emancipador) ou tradicional (reducionista) das práticas escolares. Nesse sentido Pinto (2010) traz para reflexão o que ele chama de consciência crítica e ingênua da educação, o que nos leva a optar por práticas educacionais transformadoras em função de seu caráter emancipador por favorecer aos sujeitos compreensão / postura crítica diante de situações que requerem um posicionamento. Colaborando com esse pensamento Almeida e Placco (2006) falam sobre a relação existente entre as práticas escolares e seu reflexo na sociedade de forma que compreendemos que:

A escola, espaço originário da atuação dos educadores, mantém uma relação dialética com a sociedade: ao mesmo tempo em que reproduz, ela transforma a sociedade e a cultura. Os movimentos de reprodução e transformação são simultâneos.” (Almeida e Placco 2006 p.18).

Dessa maneira, podemos colocar que a partir destas práticas a escola pode gerar resultados transformadores da mesma maneira que reprodutores de concepções tradicionais, ao passo que utiliza informações para transformar determinado aspecto social ou mantê-lo. No que concerne à Educação Ambiental, ao longo do tempo, percebemos que muito se fala sobre essa temática, mas as mudanças de atitudes e hábitos não ocorrem como propostas o quê, de logo, nos leva a pensar que a educação que temos não conduz à transformação no modo de pensar as questões ambientais.

Assim, se partimos do pressuposto de que a escola é a instituição responsável pelo desenvolvimento das potencialidades do sujeito, entre estas sua consciência crítica, e buscando relacionar essa tomada de consciência à demanda ambiental, nos inquietamos – a título de problema central desta pesquisa - em procurar saber de que forma o coordenador pedagógico pode intervir na formação de uma consciência ambiental crítica aos seus professores, uma vez que para Almeida e Placco:

Levar os educadores à conscientização da necessidade de uma nova postura é [...] acreditar na possibilidade de transformar a realidade e também de acreditar na escola como um espaço adequado para isso, dado que assim, por meio de um movimento dialético de ruptura e continuidade, poderá cumprir sua função inovadora (Almeida e Placco p.18).

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica, de cunho sistemático, a partir de buscas em sites e fontes especializadas. Os dados foram analisados de forma qualitativa.

O coordenador pedagógico e os desafios para a Educação Ambiental Crítica.

Especificamente em nosso estudo, estão em discussão duas áreas de interesse que dialogam prática e teoricamente com as demandas emergentes da escola e da sociedade: a coordenação pedagógica e a educação ambiental.

Nosso interesse pela questão ambiental aumentou com a realização de uma atividade que fizemos durante a disciplina de PPP-8, ocasião em que desenvolvemos um projeto de intervenção em uma escola pública estadual localizada na cidade de Camaragibe tendo como público alvo alunos do 9º ano. O Projeto tratava-se de sondagem de concepções em educação e consciência ambiental; identificação dos problemas ambientais da comunidade; apresentação da problemática ambiental a partir do viés crítico; produção de material informativo sobre os problemas encontrados na comunidade; distribuição do material informativo na comunidade escolar e difusão da concepção crítica.

Diante dessa experiência, encontramos alguns aspectos relevantes em nossa intervenção. Um deles diz respeito à importância do envolvimento do coordenador pedagógico e do professor na promoção de uma educação ambiental crítica, para dar conta de uma demanda social que requer uma reflexão crítica no modo de pensar as questões ambientais, a fim de que não caiamos no reducionismo que tanto nos leva a discutir as problemáticas relacionadas ao meio ambiente sem apontar soluções concretas para superá-las.

No âmbito acadêmico, percebemos nos discursos dos colegas graduandos em pedagogia, um déficit de conhecimento sobre a temática da educação ambiental, em especial no que se refere a sua vertente crítica. Possivelmente em função de não ser oferecida a educação ambiental enquanto disciplina obrigatória na matriz curricular do curso de pedagogia da UFPE, o que sugerimos desde já seja um caso a se pensar. O desencontro de informações causam desconforto e estranheza uma vez que enquanto

futuros professores, sem um pensamento crítico a respeito da questão ambiental, estaremos a mercê de práticas pedagógicas pouco ou nada transformadoras, isso reflete no baixo número de produções acadêmicas tendo como tema central a educação ambiental.

Num levantamento feito nos trabalhos de conclusão do Curso de Pedagogia na UFPE nos anos de 2005 a 2013, temos a seguinte tessitura de construção de pesquisa: (04) artigos que discutem a questão ambiental, sendo que apenas um (01) deles se enquadra nos parâmetros da vertente Crítica da Educação Ambiental; é o caso do artigo intitulado *Educação Ambiental: abordagem superficial x abordagem crítica – “um olhar sobre a prática desenvolvida em duas escolas públicas do Recife”*. Neste trabalho constatou-se a forte presença de discursos e práticas conservadoras nas escolas observadas, o que para os pesquisadores, resulta na reprodução de compreensão *a crítica* sobre E.A, onde se culpabiliza o indivíduo pela problemática da crise ambiental. Os outros três trabalhos encontrados trazem os seguintes títulos *E.A Enquanto Direito; Trabalhando E.A com o Livro Lidático; e A Formação do Professor e A Prática do Tema Meio Ambiente no Ensino Fundamental* e não se enquadram nos parâmetros da educação ambiental crítica.

Em outra perspectiva, encontramos uma relevância social do nosso estudo se tomarmos como base as práticas tradicionais em Educação Ambiental presentes nas escolas, desenvolvidas à luz dos PCNs, e este por sua vez pautado numa concepção de educação tradicional, ingênua, que reproduz no sujeito uma compreensão acrítica do mundo. Nesse sentido, de acordo com Almeida e Placco (2001), o Coordenador Pedagógico deve está preocupado com a formação crítica de seu quadro de professores, assumindo o compromisso:

Com a formação do homem transformador, aquele capaz de analisar criticamente a realidade, desvelando seus determinantes sociais, políticos, econômicos e ideológicos, protagonistas da construção de uma sociedade justa e democrática superador dos determinantes geradores de exclusão” (Almeida e Placco p.17 -18).

Ou seja, pensar num coordenador pedagógico politizado, crítico e reflexivo, que enxerga a seu redor os problemas, possibilidades de soluções, suas verdadeiras causas e que se sente inquietado a problematizar a esse respeito, é pensar nesse coordenador como um agente de transformação na escola e isso terá reflexo positivo na comunidade como um todo.

CONCLUSÕES

Diante do exposto neste artigo, teceremos conclusões em torno dos seguintes aspectos: mudança e permanência no perfil do CP; o acúmulo de atribuições e desvio da função; sobre suas concepções em Educação Ambiental (EA) e práticas pedagógicas, estarem fundamentadas numa concepção conservadora e reducionista da Educação; e a necessidade de formação para o CP.

Vimos que o perfil do Coordenador Pedagógico foi redesenhado ao longo do tempo devido às novas demandas educacionais, onde de mero fiscal das práticas educativas e executor das atividades administrativas e burocráticas, passou a ser corresponsável pela sala de aula e pelo processo de ensino-aprendizagem, tornando-se então, a formação docente e a gestão do projeto político pedagógico da escola suas principais funções (ZEN 2012).

No entanto, pudemos perceber, através de nossa amostra, que muitos são engolidos pelo cotidiano da escola, resolvendo conflitos e emitindo documentos, o que os desvia da sua função de formador e comprova a permanência do velho perfil. Percebemos em seus depoimentos que a falta de foco no desenvolvimento da função é tanta que alguns deles sequer reconhecem a formação de professores como uma função do CP, justificando que tal prática é de responsabilidade apenas dos Conselhos e Secretarias.

Quanto às concepções dos CP em EA, analisar os dados fez com que nós pudessemos confirmar nossas hipóteses iniciais, a de que a maioria dos coordenadores obedece a uma concepção tradicional, conservadora e limitadora (PINTO 2010) em Educação e sendo assim sua compreensão e suas práticas em Educação Ambiental estão impregnadas da mesma. Suas declarações sobre o que é EA e suas propostas de atividades voltadas a essa temática, não propõem a problematização da realidade e demonstram fortemente sua compreensão do indivíduo enquanto agente agressor e de preservação do ambiente, e estes, ainda estão presos à crença de uma mudança de hábitos e padronização de comportamento em prol de uma relação sustentável com a natureza.

Sendo assim, podemos dizer que os CP apresentam compreensões e práticas pautadas nessa concepção a crítica em Educação e Educação Ambiental, e que através destas, a escola tem gerado resultados reprodutores de concepções conservadoras e

reducionistas (GUIMARÃES 2006), o que nos leva a pensar que a educação que temos não conduz à transformação no modo de pensar as questões ambientais.

Encontramos na ausência de formação continuada aos CP na área de EA, sobretudo, Crítica, uma das causas para esse problema, ao mesmo tempo em que vemos nela uma possível solução na proposta de quebra do paradigma tradicional e reducionista em EA. Haja vista que para este profissional, desenvolver bem sua função de Formador Docente, precisa também buscar aperfeiçoamento constante (SERPA 2011). A formação continuada para CP, não foi aprofundada neste artigo, uma vez que sua contribuição enquanto formador docente para a EA Crítica foi nosso objeto de estudo, o que não impede a retomada desse tema em discussões futuras.

Por fim, entendemos que o CP convicto de suas responsabilidades social e profissional, ao pensar as capacitações/formações de seu quadro de professores, possa compartilhar seu posicionamento, despertando nos demais uma compreensão crítica das coisas, ou seja, da realidade a qual estão inseridos, relacionando áreas de atuação a concepções e práticas transformadoras. É que, estes por sua vez, também cientes da sua responsabilidade enquanto cidadãos e profissionais da educação, para com a formação da identidade e opinião dos educandos, e envolvidos num processo consciente de disseminação da informação, levarão para suas aulas (*quizá* para suas vidas) uma constante reflexão da realidade norteada pela vertente crítica. Assim aos poucos poderemos pensar em enfrentar essa apatia às questões políticas que permeia a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda. R. de. e PLACCO, Vera M. N. de S. O coordenador pedagógico e o espaço de mudança. 5ª Ed. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

BARDIN, Laurence. (2006). **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).

BRASIL, 1999, Lei Federal nº 9795/99. Art. Nº 1.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GUIMARÃES, Mauro. **Armadilha paradigmática na educação Ambiental**. In: LOUREIRO, Carlos Frederico B. (org) **Pensamento complexo, dialética e Educação Ambiental**: São Paulo. Cortêz, 2006.

_____. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental.** São Paulo Cortês, 2004.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5^a ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** São Paulo. Cortez, 2010.

SERPA, Dagmar. **Coordenador Pedagógico Também Precisa de Formação.** In GESTAO ESCOLAR, 14^a Ed., Editora Abril, junho/julho 2011.

SILVA, Laudielcio Ferreira Maciel da. **A Educação Ambiental de Pernambuco (1979-1988).** Recife: Editora da UFPE, 2014.

SILVEIRA, Maria Aparecida. **A organização da rotina e a gestão da aprendizagem.** In: Coordenação Pedagógica em Foco. Salto para o Futuro. 2012.

SILVA, Laudielcio Ferreira Maciel da, *Ett Hall*. **Crise Ambiental, Capitalismo e a Educação Ambiental Crítica.** In Crise Ambiental e Mudanças Climáticas: saberes que perpassam os campos da educação e da comunicação. Recife: Editora da UFPE, 2012. Vol.1. Recife: Editora da UFPE, 2012.

SILVA, Laudielcio Ferreira Maciel da. **A Educação Ambiental de Pernambuco (1979-1988).** Recife: Editora da UFPE, 2014.

ZEN, Giovana Cristina. **O papel da Coordenação Pedagógica na escola.** In: Coordenação Pedagógica em Foco. Salto para o Futuro. 2012.